

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

## **REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS<sup>1</sup>**

**Geovana Da Silva Ferreira<sup>2</sup>, Mariele Roberta Schalanski<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Relato de Experiência de Estágio com ênfase em Processos Clínicos do curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>3</sup> Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

As questões que motivaram este trabalho foram suscitadas pelas experiências das autoras durante o estágio realizado na Clínica de Psicologia da Unijuí. A Clínica de Psicologia da Unijuí presta serviço clínico à comunidade em geral, proporcionando atendimentos psicológicos a crianças, adolescentes e adultos. É uma Clínica-Escola, pois constitui também espaço de prática e formação clínica para os alunos do curso de Psicologia da Unijuí, que optam pela ênfase de estágio em "Psicologia e Processos Clínicos". As atividades formativas desenvolvidas na Clínica, que fornecem suporte e preparação ao exercício ético-profissional, exercem um papel fundamental na formação em ênfase clínica, sendo estas: atendimento psicológico dos pacientes; supervisões individuais; seminários clínico-teóricos; apresentações de casos; reuniões gerais e de estagiários; participação em comissões de estudo e pesquisa.

O estágio na Clínica de Psicologia da Unijuí traz consigo inúmeras questões acerca das práticas vividas pela primeira vez, e que colocaram em foco nosso fazer clínico enquanto terapeutas, mais do que estagiários. É nesse momento que o conhecimento teórico até então adquirido busca articular-se com a prática, não de forma a fornecer um saber a priori, mas como suporte para nortear nosso trabalho clínico. Dessa forma, a pesquisa e o registro das reflexões acerca desse trabalho se tornam multiplicadores de saberes na formação profissional. Sendo assim, artigo que será aqui desenvolvido foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, pelo viés da teoria psicanalítica. O tema escolhido é referente ao trabalho do psicólogo clínico com crianças, sendo abordadas algumas das especificidades dessa prática, tais como o brincar enquanto instrumento de escuta, e o lugar dos pais no tratamento.

A experiência clínica com crianças provoca questionamentos acerca de como realizar a escuta desses sujeitos em constituição a partir do brincar. O brincar fala pela criança? O que ela pode nos mostrar ao brincar? Como iremos interpretar ou responder a esses jogos? Além disso, nos interrogamos também sobre a presença e o lugar dos pais no tratamento infantil, uma vez que são eles que trazem a criança para clínica e solicitam o tratamento, diferentemente dos adultos que têm demanda própria. A literatura psicanalítica nos traz diversas visões acerca desses temas, que interrogam também o lugar e as possíveis intervenções do terapeuta nas representações lúdicas e nos vínculos transferenciais com os pais.

Considerando a associação livre como um princípio fundamental da prática psicanalítica, surge a questão de como seria possível uma psicanálise com crianças, uma vez que essas não poderiam cumprir com a regra da associação livre tal como um adulto. Muitos autores teorizaram sobre diferentes técnicas que possibilitariam uma prática na clínica infantil orientada pela psicanálise, mas as divergências que se apresentaram em tais teorias ainda provocam efeitos, de forma que não há orientação única para conduzir a clínica com crianças. Como exemplo de tais divergências, o

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

psicanalista Jorge Volnovich (1991) nos traz as teorizações de Melanie Klein e de Françoise Dolto sobre o jogo. Para Klein, o jogo teria sentido próprio, não sendo preciso falar sobre ele. Em contrapartida, Dolto considera importante que a criança fale do jogo, que crie um sentido sobre ele através da palavra, sendo que ela "não associa livremente, mas fala [...] é por isso que a psicanálise de crianças é possível, e inclusive só com a criança" (1991, p.29).

A partir disso, Volnovich nos indica que, assim como Freud em seu trabalho com os sonhos considerou que a cura psicanalítica passa sempre pelo registro do sentido, as crianças expressam estes sentidos através de suas produções nos jogos, desenhos e palavras que compõem um texto a ser desvendado, sendo a palavra o que marca o sentido de tais produções. Dessa forma, Volnovich considera que o jogo não se apresenta como um instrumento terapêutico em si mesmo, mas sim como uma função mediadora, uma produção interpretável, enquanto inscrito em determinada organização do sentido através da palavra - podendo ser esta palavra da criança, ou dos pais - , de maneira que se o jogo estiver desinvestido dessa função "pode e deve constituir uma resistência, tanto da criança como do terapeuta" (VOLNOVICH, 1991, p.108).

Já a psicanalista Alba Flesler (2012) nos aponta que o brincar deve ser analisado enquanto indicador do modo como a estrutura do sujeito está se estruturando, sendo que uma condição para que exista cena lúdica é que a falta esteja operando na relação entre o sujeito e o Outro. Essa autora ainda nos apresenta que o brincar se constitui em tempos, sendo estes equivalentes aos tempos da construção da fantasia. Os diferentes tipos de jogos realizados pela criança nos diferentes tempos da infância são manifestações do momento específico de estruturação subjetiva do sujeito, que marcam tempos de perda e redistribuição de gozos. O brincar representa assim o percurso pulsional do sujeito desde sua entrada na linguagem, tempo esse do jogo fort-da observado por Freud em "Além do princípio de prazer" (1920), até o fechamento fantasístico na puberdade. Flesler considera que o lugar que as brincadeiras e suas vicissitudes ocupam na clínica com crianças deve ser tomado como revelador desses momentos de construção da fantasia.

Em relação ao vínculo transferencial estabelecido com os pais, quando se fala em clínica infantil, não se pode ignorar a necessidade de fazer encontros com estes para escutar o motivo que os levou a procurar a clínica, realizar o contrato, falar do pagamento ou até mesmo rever algumas questões que vão surgir durante os atendimentos com a criança. Até porque, uma criança só chega até a clínica através de um adulto, seja porque ele percebe o sofrimento da criança, ou porque ele mesmo se sente incomodado com algum comportamento da criança, ou até mesmo por um pedido externo, geralmente vindo da escola.

No início do tratamento, a primeira entrevista é feita com os pais, para saber o motivo que os traz a clínica, bem como, conhecer um pouco sobre o histórico da criança. Em alguns casos, os pais são recebidos diversas vezes antes de o terapeuta conhecer a criança, sendo que o encontro com eles pode se dar uma ou mais vezes, antes de iniciar o tratamento propriamente dito com a criança. Em algumas situações, quando solicitados a comparecerem à clínica, os pais não conseguem vir sem a criança, ou não comparecem. Nessas situações, consideramos que os pais podem atuar como veículo de resistência ao tratamento.

Os pais chegam à clínica, muitas vezes desnorteados, por causa da presença de um sintoma na criança. Com a angústia os invadindo, eles costumam querer saber o que leva o filho a ter tal sintoma, e nesse acaso, afirma Flesler (2012) que a disponibilidade da análise é facilitada graças ao motor da transferência: a suposição de um saber. Porém, não são todos os pais que se questionam

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

quando buscam a clínica, pois procuram ajuda para "consertar" a criança, essa que fere o narcisismo dos pais se comportando de uma maneira diferente do que foi esperado. Também chegam à clínica pais que não se implicam na queixa sobre a qual se dará o tratamento do filho. Nesses casos, percebemos que esta queixa vem de fora (da escola, da justiça, pediatra, neurologista, etc.), e isso dificulta a implicação necessária dos pais no tratamento da criança.

A literatura psicanalítica nos traz algumas orientações sobre a maneira com a qual o terapeuta pode lidar com os pais, em suas várias maneiras de conduzir um tratamento infantil. Anna Freud, por exemplo, vai incluir os pais na análise de uma maneira diferente. Segundo essa autora, seria mais seguro uma análise simultânea de pais e filhos para avaliar a interação entre eles, uma vez que "na análise infantil, não é o ego infantil, mas a razão e compreensão dos pais que o início, a continuidade e o fim do tratamento têm de confiar" (1971, p. 148). Anna Freud pensa que somente com o tratamento dos pais se torna possível que o vínculo patológico seja "amortecido", para agir como medida terapêutica na criança. Desta maneira, a criança é apresentada como reflexo dos pais e, se a intervenção ocorrer sobre eles, a criança acaba "livrando-se" do vínculo patológico.

Ainda segundo essa autora, o centro do atendimento psicanalítico com as crianças está nos meios pelos quais os pais "educam" a vida pulsional deste filho. As entrevistas, para que sejam obtidas informações sobre o cotidiano da criança, são muito importantes. É somente a partir desta ferramenta que o terapeuta pode orientar os pais sobre as mudanças que ajudariam o desenvolvimento da criança.

Já a psicanalista Melanie Klein compreende que transferência que o terapeuta desenvolve com os pais tem reflexos no tratamento da criança. Para ela, os pais devem ter confiança no terapeuta, mas não são eles os analisados, e só poderão ser influenciados pelos meios psicológicos comuns que visem facilitar a análise da criança. Klein reconhece a participação dos pais como constituinte do psiquismo infantil, porém, tratava de excluir os pais do processo de análise de seu filho. Encaminhar os pais a outro analista, caso houvesse uma demanda da criança, se tornou o método mais recomendado.

Segundo Rosenberg (2002) os pais entram no tratamento no exato momento em que se faz necessário que algo também se modifique no inconsciente de um, ou de ambos os progenitores. Ao incluí-los na sessão, pensa-se em produzir um efeito analítico que permita a continuação da análise da criança. Torna-se indispensável ao trabalho clínico avaliar as diversas motivações que trazem uma criança ao setting analítico. Além das entrevistas com quem a leva à clínica, é essencial um acolhimento e uma escuta de sua angústia, bem como a abertura de um espaço para que haja um endereçamento a criança, para que ela possa falar e se posicionar enquanto sujeito, uma vez que é ela que vem para tratamento.

Portanto, percebemos que não há uma regra fixa para conduzir a clínica com crianças. Reconhecemos o papel do brincar enquanto indicador do tempo de estruturação do sujeito, e que permite que a criança expresse simbolicamente seu saber inconsciente, apropriando-se dos significantes que se colocam nesse brincar. E com relação à presença e lugar dos pais, pode ser necessário fazer entrevista com eles em um momento específico conforme o caso. Já em outras situações, talvez as entrevistas com os pais ocorram paralelamente às sessões de atendimento da criança, assim como também há a possibilidade de eles serem incluídos na sessão.

Concluindo, podemos dizer que a clínica com crianças é "baseada no testemunho que o psicanalista faz de sua prática" (VOLNOVICH, 1991, p.103). Dessa forma, há diversas formas de conduzir o

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XVII Jornada de Extensão

tratamento infantil, sendo que se faz necessário não somente utilizar uma única teoria, como também transitar entre elas, refletindo constantemente acerca de nosso fazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise Infantil; Psicologia na Infância; Brincar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FLESLER, Alba. A psicanálise de crianças e o lugar dos pais. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, Anna. Infância normal e patológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1971.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII.

\_\_\_\_\_. Duas mentiras contadas por crianças (1913). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.

KLEIN, Melanie. Contribuições à Psicanálise. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ROSENBERG, Ana Maria Sigal de. A constituição do sujeito e o lugar dos pais na análise com crianças. In: O lugar dos pais na psicanálise de crianças. São Paulo: Escuta, 2002.

VOLNOVICH, Jorge. Lições introdutórias à psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.